



DVD
Material
Educativo
para
Professor
Propositor

**PITA CAMARGO:
ESCULTOR**



DVDteca



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(William Okubo, CRB-8/6331, SP, Brasil)

INSTITUTO ARTE NA ESCOLA

Pita Camargo: escultor / Instituto Arte na Escola ; autoria de Solange Utuari ; coordenação de Mirian Celeste Martins e Gisa Picosque. – São Paulo : Instituto Arte na Escola, 2006.

(DVDteca Arte na Escola – Material educativo para professor-propositor ; 100)

Foco: Mt-10/2006 Materialidade

Contém: 1 DVD ; Glossário ; Bibliografia

ISBN 85-7762-031-X

1. Artes - Estudo e ensino 2. Materialidade 3. Escultura 4. Arte pública
5. Camargo, Pita I. Utuari, Solange II. Martins, Mirian Celeste III. Picosque, Gisa IV. Título V. Série

CDD-700.7



Créditos

MATERIAIS EDUCATIVOS DVDTECA ARTE NA ESCOLA

Organização: Instituto Arte na Escola

Coordenação: Mirian Celeste Martins
Gisa Picosque

Projeto gráfico e direção de arte: Oliva Teles Comunicação

MAPA RIZOMÁTICO

Copyright: Instituto Arte na Escola

Concepção: Mirian Celeste Martins
Gisa Picosque

Concepção gráfica: Bia Fioretti

PITA CAMARGO: escultor

Copyright: Instituto Arte na Escola

Autor deste material: Solange Utuari

Revisão de textos: Soletra Assessoria em Língua Portuguesa

Diagramação e arte final: Jorge Monge

Autorização de imagens: Ludmilla Picosque Baltazar

Fotolito, impressão e acabamento: Indusplan Express

Tiragem: 200 exemplares

DVD

PITA CAMARGO: escultor

Ficha técnica

Gênero: Documentário com depoimento do artista.

Palavras-chave: Matéria; resistência da matéria; procedimentos técnicos inventivos; diálogo com a matéria; escultura; volume; tridimensionalidade; abstração; arte pública.

Foco: **Materialidade.**

Tema: O escultor Pita Camargo, suas esculturas de grandes formatos e seu processo de criação.

Artista abordado: Pita Camargo.

Indicação: A partir da 7ª série do Ensino Fundamental.

Direção: Nassau de Souza.

Realização/Produção: Set7 Produtora, Santa Catarina (Gravação e Edição).

Ano de produção: 2005.

Duração: 10'.

Sinopse

O documentário apresenta a obra do escultor catarinense Pita Camargo que explora a potencialidade da pedra. O artista fala da sua trajetória e de como trabalha com a materialidade do mármore e granito. Imagens do artista trabalhando em seu ateliê a céu aberto mostram o seu processo de criação durante a produção de peças que integram a *Mostra itinerante de esculturas de grande porte*, que percorre, em 2005, vários espaços culturais em diferentes cidades de Santa Catarina. Desconstruir para construir formas e movimentos, a dureza do material, a dimensão e o peso da pedra são aspectos que fascinam o artista na sua paixão em criar todos os dias.

Trama inventiva

O atrito do olhar sobre a obra recai no estranho silêncio da matéria. Somos surpreendidos. Matérias são pele sobre a carne da obra. Pigmento. Lã de aço. Lâminas de vidro e metal. Tecido. Plástico. Ferro. Terra. Pedra. Não importa. A matéria, enfeitada pelo pensar do artista e sua mão obreira, vira linguagem. No reencontro dos germes da criação, a escuta da conversa das matérias desvela o artista e sua intenção persistente, cuidadosa e de apuramento técnico: o conflito da fusão, as confidências das manchas, o duelo entre o grafite preto e a candura do papel, a felicidade arredondada do duro curvado. Na cartografia, este documentário se aloja no território da **Materialidade**, surpreendendo pelos caminhos de significação: a poética da matéria.

O passeio da câmera

As imagens e a fala de Pita Camargo revelam sua paixão por fazer esculturas a partir da pedra. O artista narra sua trajetória e o modo como trabalha com o mármore ou o granito. A câmera nos move para acompanhar seus movimentos de escultor: o ato da escolha da peça de mármore ainda em estado bruto, o andar em volta dessa para olhar, estudar as suas possibilidades e os procedimentos usados na criação da escultura. Pita comenta sobre a sua preocupação em desconstruir para estabelecer uma nova ordem ao material: fura, separa, estilhaça a pedra para, aos poucos, ir tirando dela as formas e texturas desejadas.

Imagens da *Mostra itinerante de esculturas de grande porte*¹ mostram suas esculturas em grandes formatos no espaço público. Finalizando o documentário, Pita Camargo diz que se considera um artista privilegiado ao ter pedras em seu caminho que o provocam à criação e à busca incessante de uma expressão contemporânea na linguagem da escultura.

No documentário, encontramos considerações que podem mover proposições pedagógicas em *Linguagens Artísticas*, foca-

lizando a escultura; *Processo de Criação*, a ação criadora, a poética pessoal e o diálogo com a matéria; *Conexões Transdisciplinares*, o estudo sobre jazidas de mármore; *Forma-Conteúdo*, a forma, o volume, o movimento na tridimensionalidade e a temática abstrata; *Mediação Cultural*, a experiência estética e estésica no espaço público; *Saberes Estéticos e Culturais*, a arte catarinense e a arte pública. Sendo o mármore, o granito, as pedras que estruturam a obra de Pita Camargo, cercamos neste material pedagógico o território da **Materialidade**, como potência para o estudo da matéria pedra e sua linguagem da dureza.

Sobre Pita Camargo

(Blumenau/SC, 1966)

Todo dia eu tenho algo a fazer: continuo esculpindo uma peça, ou passo a desenhar, pensando nas próximas que vou começar; ou estou modelando ou fazendo formas.

Pita Camargo²

Pita Camargo trabalha lascando e batendo em enormes pedras. O que move seu processo criativo é a simplificação da forma. **Grandes blocos de granito e mármore são desconstruídos pelo artista para depois ressurgirem, numa reconstrução abstrata e visceral. Formas arredondadas, inspiradas na natureza e no corpo humano, texturas e espaços vazados são algumas características de suas peças.** Sua intenção é obter leveza e movimento num material inicialmente pesado, frio e duro.

Ainda criança, aos 13 anos de idade, Pita Camargo começa a se interessar por arte; pesquisa linguagens artísticas, materiais e passa por experiências com a pintura, desenho em pastel, litogravura, gravura em metal, e estuda os traços de Picasso, Rembrandt, Van Gogh, Michelangelo e Leonardo da Vinci.

Embora tenha freqüentado o ateliê de outros artistas e oficinas de arte, há momentos em que o artista busca caminhos autodidáticos. Pesquisando os volumes do corpo humano, por exemplo, Pita Camargo faz vários estudos com auxílio de espe-

lhos, usando o próprio corpo como modelo. Na procura por novos procedimentos, realiza desenhos, gravuras e ao desenvolver volumes em suas figuras, começa a perceber a necessidade de ampliar as formas bidimensionais para estruturas tridimensionais. Nesse momento, a linguagem da escultura começa a germinar em seu fazer artístico; no início, suas esculturas são de temática figurativa, aos poucos vão amadurecendo em criações abstratas, de formas simplificadas.

No trabalho diário em seu ateliê, Pita Camargo experimenta e investiga novos modos de trabalhar com suportes para escultura. Começando pela modelagem do bronze, o desenho ainda é presente no esboço dos volumes e traços ao estudar possibilidades expressivas. Mais tarde, descobre as qualidades do mármore branco como suporte para seu trabalho e, posteriormente, o negro do granito.

As esculturas de Pita Camargo espalham-se por vários espaços públicos, como, por exemplo, a Clínica da Mulher e a Praça João Peter Wagner no Sesi em Blumenau/SC; ou as esculturas em mármore que compõem o conjunto da Praça Pio XII, no Centro de Florianópolis/SC.

O escultor pretende criar o “museu marítimo”, isto é, a exposição permanente de suas obras em um espaço subaquático. O lançamento da peça fundamental já ocorre em 1993, com a instalação da obra *Biovida I* na Reserva Biológica Marinha do Arvoredo, município de Bombinhas/SC. Trata-se de uma escultura em mármore com 60 kg que é colocada no mar a 2,5 metros de profundidade e a 8 milhas de distância da praia. Após algum tempo submersa, a escultura será novamente transformada pela vida marinha, pois servirá de sustentáculo para microorganismos marinhos. Para Pita Camargo, dentro dos preceitos da arte conceitual, é a morte da forma pelo surgimento da vida, pois a obra tenderá a ser irreconhecível e, assim, fecha-se o ciclo; o termo “obra” rebatiza-se “pedra” no seu retorno como elemento imemorial da natureza.

vê e a sensibilidade capta a conciliação dos contrários: o peso e a leveza como valores visuais. O peso e a rigidez da pedra estilizada em sua forma bruta se fazem leveza pelas curvas, retas, arestas e silhuetas de suas esculturas. Vitória da arte sobre a materialidade da pedra.



Os olhos da arte

Me atrai o peso da matéria. Elas pesam toneladas e poder transportá-las já é um fator de tensão, de necessidade pessoal.

Pita Camargo

Ao olhar um bloco de mármore branco, sente-se a força condensada da natureza e da ação humana que extraiu a pedra da pedreira. A pedra separada da pedreira é apenas pedra; mas a pedra, por suas forças de resistência material, pode fazer um universo quando encontra um sonhador?

Pita Camargo é esse sonhador; sonhador de devaneios petrificantes que arran-

cam uma plasticidade intensa da pedra. Falando materialmente de sua ação, Pita Camargo nos conta como provoca a matéria pedra:



Pita Camargo - *Sem título*, 2005
Granito preto, 137 x 122 x 40 cm

Em primeiro lugar eu ando em volta, analiso; vejo ela de todas as formas, de todos os lados, de uma maneira tridimensional. Já faz parte da criação a quebra dela. Muitas vezes eu tenho que quebrar em três ou quatro peças. Eu furo a pedra com a furadeira; com a broca, encravo os ponteiros de aço. Com a pressão do martelo, essa pressão faz a pedra se rachar, se vincar. Então, aí há a desconstrução. Depois dessa desconstrução, eu utilizo o disco de corte, diamantado com esmerilhadeira grande ou pequena.

Eu limpo toda a peça, limpando sempre com o desenho; desenhando o risco dos furos, desenhando o risco da limpeza. Assim, eu vou afundando a pedra, decidindo a pedra. Vou encaixando pinos na construção agora dela. Porque antes eu desconstruí; agora, eu construo com vários pinos de aço para poder aglutinar essa pedra de novo. Até por segurança, pinos e encaixes, porque tem pedras esguias e pedras mais abertas em cima. Tem que ter toda uma lógica de equilíbrio e estabilidade.

A pedra branca convoca o artista para dar e retirar algo desse material que se dispõe ao seu olhar, ao toque de suas mãos e ferramentas que rompem sua espessura, sua rigidez de pedra. A pedra nas mãos de Pita Camargo se faz devaneio da matéria dura.

No diálogo com a matéria, o artista submete-se à vontade da dureza. Mesmo amoroso com a pedra, o artista tem vontade de brutalizá-la um pouco, fazendo-lhe cortes, aparos de arestas, furos, encaixes, como se quisesse fazê-la confessar seus desejos de uma organização formal oposta à sua natureza já constituída. Nesse fazer, a dureza é atacada incessantemente num ritmo de trabalho que tem um tempo; o tempo da dureza das pedras, como nos revela Gaston Bachelard³:

Esse tempo da dureza das pedras, esse *litocronos*, não pode se definir senão com o tempo ativo de um trabalho, um tempo que se dialetiza no esforço do trabalhador e na resistência da pedra; ele se manifesta como uma espécie de ritmo natural, de ritmo bem condicionado. E é por esse ritmo que o trabalho obtém ao mesmo tempo a sua eficácia objetiva e sua tonicidade subjetiva.

A provocação da matéria é direta e em resposta desencadeiam-se os devaneios da vontade da pedra e do sonhador. E por ter má vontade é que a matéria pedra é vontade; porque “é ao talhar a pedra que se descobre o espírito da matéria. A mão pensa e segue o pensamento da matéria”, nos ensina o escultor romeno Brancusi⁴.

Por certo, o trabalho com a matéria dura exige ferramentas que possam agir contra uma coisa rígida. Ou seja, é a matéria que condiciona todos os procedimentos. Pita Camargo, como num duelo, se arma com furadeira, brocas, ponteiros de aço, martelo, disco de corte, esmeril, pinos de aço. São ferramentas bem manejadas pelo artista ao mesmo tempo em que são ferramen-

tas valentes e inteligentes para processar uma agressão às matérias resistentes.

Escreve Gaston Bachelard⁵,

uma ferramenta deve ser considerada em ligação com o seu complemento de matéria, na exata dinâmica, do impulso manual e da resistência material. Ela desperta necessariamente um mundo de imagens materiais. E é em função da matéria, de sua resistência, de sua dureza que se forma a alma do trabalhador, ao lado de uma consciência de destreza, uma consciência de poder. Destreza e poder não andam um sem o outro, no onirismo do trabalho, nos devaneios da vontade.

A matéria pedra, assim, nos ensina a linguagem da dureza. Sua resistência se faz fala poética no diálogo com o artista que, não cego aos seus desejos, faz suas investidas respeitando sua massa (o bloco de pedra original); sua cor (e seus veios, manchas, “desenhos minerais”); sua opacidade original e o brilho que adquire após o polimento; seu grão.



Pita Camargo - *Sem título*, 2005
Mármore, 183 x 112 x 65 cm

O passeio dos olhos do professor

O documentário tem 10 minutos, o que permite vê-lo várias vezes para aprofundar sua leitura. Atento às suas percepções, comece um diário de bordo, anotando suas impressões. Oferecemos uma pauta do olhar que poderá ajudá-lo nessa leitura.

- O que o documentário desperta em você?
- Quais suas impressões sobre a fala de Pita Camargo? Algum comentário lhe chamou mais atenção?
- Como você percebe os procedimentos do artista com a matéria pedra?
- O documentário lhe faz perguntas? Sobre o que você gostaria de saber mais?
- Na exibição em sala de aula, o que pode causar atração ou estranhamento nos alunos?
- Quais focos de trabalhos para a sala de aula você percebe a partir do documentário?

Com o olhar voltado para suas anotações, pense na possibilidade de construção de uma pauta do olhar específica para seus alunos. Como você vislumbra prepará-los para a exibição do documentário?

Percursos com desafios estéticos

São muitos os caminhos possíveis, a partir da exibição do documentário, para a sala de aula. No mapa potencial apresentado, você pode observar os desdobramentos possíveis, os vários subfocos em que se pode trabalhar. Tendo como mote de estudo a **Materialidade** da pedra, seguem sugestões de proposições para você recriar, transformar ou alimentar novas invenções.

O passeio dos olhos dos alunos

Algumas possibilidades:

- “Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura” é um ditado popular; “tirar leite de pedra” é uma expressão idiomática. Proponha aos alunos que desenhem as frases mostrando a idéia que elas trazem. Com uma exposição das produções realizadas, converse com os alunos sobre as soluções encontradas e puxe um fio para a questão da pedra como matéria do fazer artístico. O que eles imaginam

que os artistas fazem com a matéria pedra? Quais pedras os artistas utilizam? Eles se lembram de alguma obra de arte que tenha sido feita com pedra? Após o levantamento dos pontos de vista dos alunos, cria-se um bom momento para a exibição do documentário. O que surpreende os alunos?

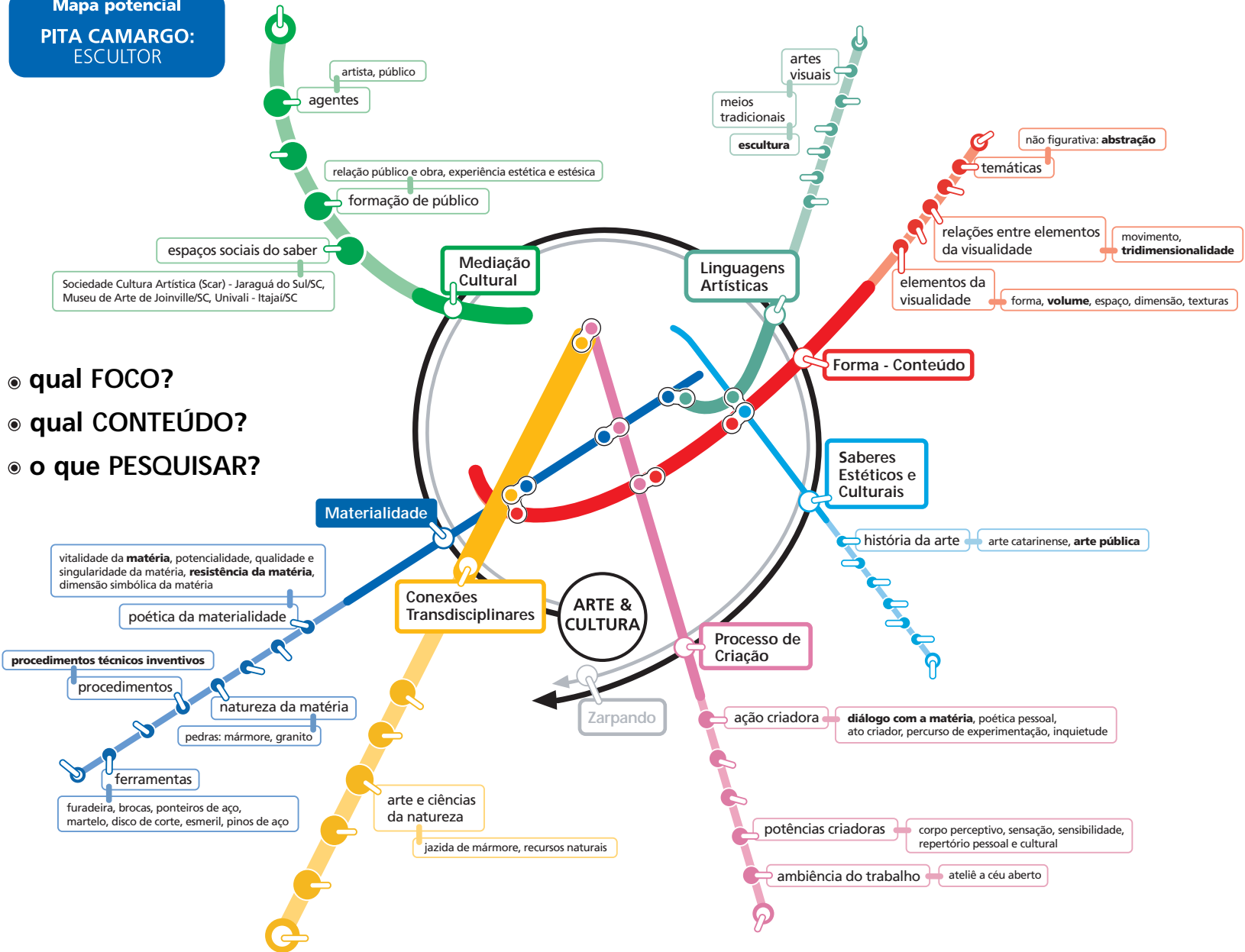
- Uma possibilidade é pedir aos alunos que tragam, à sala de aula, pedras, pedrinhas, que encontrem no caminho da casa à escola. Em sala de aula, com as pedras agrupadas num canto, proponha a leitura do poema *No meio do caminho*, de Carlos Drummond de Andrade:

No meio do caminho
tinha uma pedra
tinha uma pedra no
meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho
tinha uma pedra
Nunca me esquecerei
desse acontecimento
na vida de minhas retinas
tão fatigadas.
Nunca me esquecerei
que no meio do caminho
tinha uma pedra
tinha uma pedra no
meio do caminho
no meio do caminho
tinha uma pedra.

Como os alunos interpretam a pedra no meio do caminho? Após a conversa, proponha a construção de um percurso com as pedras que estão no meio do caminho. Para a construção, o desafio é dar uma unidade plástica em que as pedras sejam unidas utilizando-se tecidos, fios, cordas, etc. Que organização formal os alunos produziram? Em seguida, a exibição do documentário pode acontecer. Como os alunos percebem o trabalho de Pita Camargo com as pedras em seu caminho?

- O trabalho com o documentário sobre Pita Camargo pode começar com a apreciação de imagens de esculturas em pedra pertencentes a diferentes períodos da história da arte. Você poderá convidar seus alunos a olhar essas imagens.

Mapa potencial
PITA CAMARGO:
ESCUULTOR



- qual FOCO?
- qual CONTEÚDO?
- o que PESQUISAR?

Livros abertos ou imagens colocadas nas paredes do local onde será exibido o documentário podem nutrir o olhar de seus alunos. O que eles lêem nessas imagens? Como cada artista escolheu os materiais que constituem suas obras. Como são as formas? E as temáticas? A conversa sobre as imagens poderá alimentar as questões levantadas por eles sobre a obra de Pita Camargo.

Desvelando a poética pessoal

O convite é para que seus alunos sejam produtores de uma série de trabalhos, pesquisando e construindo suas poéticas ao longo do percurso, focalizando, especialmente, a materialidade; a potencialidade e singularidade de cada matéria, além da sua dimensão simbólica. Como parte desse processo, caberá ao aluno escolher a linguagem com que vai trabalhar (desenho, pintura, escultura, instalação...) e, a partir daí, explorar ao máximo todas as possibilidades existentes nessa escolha, que pode ampliar-se no decorrer do projeto.

- Para essa produção, você pode sugerir trabalhos em que os alunos conheçam o procedimento do talhe direto que consiste em retirar o material da peça. As sobras de marmorarias podem ser fontes para conseguir material a baixo custo. Porém, esse material requer ferramentas com pontas e martelos. Se você estiver trabalhando com crianças menores, uma simples barra de sabão ou sabonete pode ser um material instigante para experimentar o ato de esculpir. Colheres, palitos de madeira, clipes e outros objetos podem servir de ferramentas, evitando assim, materiais cortantes.
- As esculturas podem ser criadas ao acaso ou projetadas por meio da linguagem do desenho. Dimensões, volumes, texturas e outros elementos podem ser estudados antes mesmo da criação da escultura.

O acompanhamento dos processos individuais de criação possibilita a oferta de outras referências, de ajuda para resolução de procedimentos técnicos, etc. A apreciação dos trabalhos,

focalizando a poética de cada aluno, revelará também o modo singular com que trabalharam com o material.

Ampliando o olhar

- Talhar, estilhaçar, desbastar e polir são palavras que refletem procedimentos, ações do artista no ato de esculpir. Discos adiantados, cinzel e ponteiro são instrumentos que auxiliam Pita em seu trabalho. Voltando a exibir o documentário, os alunos podem fazer um inventário dos termos usados pelo artista. Quais são conhecidos? Os alunos estão familiarizados com essas palavras? Há outras profissões em que as ferramentas apresentadas no documentário são utilizadas. Feito o levantamento das palavras, os alunos podem pesquisar o significado desses termos e compor em grupo um pequeno glossário sobre os gestos e ferramentas utilizadas pela linguagem da escultura.
- A experiência com o talhar pode ser experimentada a partir de barras de sabão, de preferência sabão de coco, com ferramentas simples, como facas sem ponta e até mesmo tampas de canetas esferográficas. Colocá-las sobre uma fonte de luz, em sala escurecida, permite perceber melhor os contrastes de volumes, as formas e texturas.
- Na obra de Pita Camargo, podemos observar estruturas montadas umas sobre as outras, formando uma composição, um só corpo escultórico, cujas partes, entretanto, se movimentam. A proposta é utilizar materiais diversos (caixas de papelão, objetos plásticos, arames, palitos, papéis e outros), tendo o desafio de criar objetos tridimensionais cujas partes se movimentem.
- Em sua cidade há esculturas expostas nos espaços públicos? Um passeio pode ser organizado para encontrar essas obras e a partir dessa experiência provocar diálogos. Como são mostradas essas esculturas? Quem as fez? Quais os temas? Que materiais foram usados e como foram trazidas para esses locais?

- ☉ Para Pita Camargo⁶, “A escultura é um processo difícil; é preciso, ao artista, saber a hora de parar de trabalhar, pois retirar material demais pode significar o prejuízo do resultado desejado”. Para Fayga Ostrower⁷, “Cada materialidade abrange, de início, certas possibilidades de ação e outras tantas impossibilidades. Se as vemos como limitadoras para o curso criador, devem ser reconhecidas também como orientadoras, pois dentro das delimitações, através delas, é que surgem sugestões para se prosseguir um trabalho e mesmo para ampliá-lo em direções novas”. Apresentando as duas afirmações aos alunos, como eles percebem o diálogo entre artista e matéria?
- ☉ Em *A matéria e memória*, o escritor francês Francis Ponge⁸ escreve:

Quando se inscreve sobre a pedra litográfica, é como se escrevesse sobre uma memória. É como se quem fala diante de um rosto, não apenas se inscrevesse no pensamento do interlocutor, na profundidade de sua cabeça, mas aparecesse ao mesmo tempo em seus próprios termos na superfície, sobre a epiderme, sobre a pele do rosto. Portanto, aí está uma página que vos manifesta imediatamente o que você confiou, que é igualmente capaz de repetir em seguida um grande número de vezes. Por conta deste serviço, ou em compensação, ela colabora na fatura, na formulação da expressão. Reage sobre a expressão; a expressão é alterada por ela. E é necessário levar em conta esta reação. Porque ela se repetirá, é esta expressão alterada. Mas felizmente, é esta expressão modificada que ela nos manifesta desde o primeiro momento...

Aos olhos do poeta, qual é a poética da materialidade da pedra litográfica? Qual a diferença em relação à matéria pedra utilizada na escultura?

Conhecendo pela pesquisa

- ☉ A matéria pedra na escultura confunde-se com a própria história das primeiras civilizações, desde a pré-história, mais ou menos 40000 a.C. Os seres que viviam nas cavernas acreditavam na existência de vários deuses ligados ao poder da natureza, como a chuva e o sol, relacionados com a fertilidade da terra. Eles criavam suas esculturas, isto é, seus totens, monumentos feitos para trazer energia positiva e agradar aos deuses. Um dos totens mais conhecidos é

Stonehenge, que fica em Salisbury, na Inglaterra. Uma pesquisa sobre os totens pode envolver, ainda, as esculturas monumentais, os *Moais*, da Ilha de Páscoa, assim como os *Zóólitos* e as *Esculturas antropomorfas* que compõem a arqueologia brasileira.

- ☉ Talvez a escultura mais conhecida de toda a história da civilização ocidental seja a *Vênus de Milo*, criada no ano 200 a.C., na Ilha de Milo, na Grécia. Por que a *Vênus*, feita de mármore branco, representa o ideal de beleza feminina? Que relações podem ser estabelecidas entre a *Vênus* e a escultura *Davi* de Michelangelo? O filme *Agonia e êxtase*⁹, traz o dilema de Michelangelo entre a escolha das linguagens da escultura e pintura e também entre o prazer e a angústia no processo de criação.
- ☉ Um outro filme interessante sobre vida e obra de escultores que tiveram a paixão pela criação na materialidade da pedra é *Camille Claude*¹⁰. No filme, há uma bela passagem em que uma criança pergunta à artista como as formas se escondiam dentro da pedra em estado bruto e como ela sabia que essas imagens estavam lá.
- ☉ Quem é o escultor que criou o homem que segura com a mão a cabeça abaixada, como se quisesse concentrar-se e ficar sozinho por um instante ainda? Será que os alunos sabem quem é? O que poderiam descobrir sobre Rodin e sua importância para a escultura moderna?
- ☉ Com quais materiais os artistas contemporâneos trabalham com a linguagem tridimensional? Como acontece o diálogo com a matéria? A pesquisa pode cercar artistas como Sérgio de Camargo, que faz uma série de esculturas com formas geométricas utilizando o mármore; Carlos Fajardo que mistura granito e tule, fazendo um contraponto entre materiais pesados e leves; Amelia Toledo que faz uma pedra chorar, a água escorrendo por debaixo dela: uma rocha de dez toneladas que presta uma última homenagem a um amigo; Artur Lescher que utiliza materiais de origem industrial; além de Nuno Ramos, Maurício Bentes e Carlos Vergara¹¹, entre outros.

- ☉ Diz Mário de Andrade¹²: “a arte é uma doença, é uma insatisfação humana: e o artista combate a doença fazendo mais arte, outra arte. Fazer outra arte é a única receita para a doença estética da imperfeição”. Que conexões os alunos podem fazer com o depoimento de Pita Camargo no final do documentário, dizendo-se um “insatisfeito”.
- ☉ O gelo poderia ser uma matéria para a produção da arte? A artista Néle Azevedo vem trabalhando no Projeto “Monumento Mínimo” (proposta plástica do mínimo como monumento inserido na cidade) que se compõe de esculturas de homenzinhos de gelo que são postas a derreter com a ajuda do público e duram no máximo 20 minutos. Quais seriam as intenções da artista? Por que sua escolha recai na matéria gelo para esse projeto?
- ☉ Do poeta João Cabral de Melo Neto, *A educação pela pedra*:

<p>Uma educação pela pedra: por lições; para aprender da pedra, freqüentá-la; captar sua voz inenfática, impessoal (pela de dicção ela começa as aulas). a lição de moral, sua resistência fria Ao que flui e a fluir, a ser maleada; a de poética, sua carnadura concreta; a de economia, seu adensar-se compacta: lições da pedra (de fora para</p>	<p>dentro, cartilha muda), para quem soletrá-la. Outra educação pela pedra: no Sertão (de dentro para fora, e pré-didática). No Sertão a pedra não sabe lecionar, e se lecionasse, não ensinaria nada; lá não se aprende a pedra: lá a pedra, uma pedra de nascença, entranha a alma</p>
---	--

Em parceria com o professor de língua portuguesa, os alunos podem pesquisar sobre a linguagem da pedra que nos revela poeticamente João Cabral de Melo Neto. Seriam as palavras a matéria pedra do poeta?

Amarrações de sentidos: portfólio

Talhar, estilhaçar, desbastar e polir são palavras que refletem procedimentos, ações do artista no ato de esculpir. A idéia aqui

é a produção de um portfólio que contenha ações no ato de sua produção. Ações como: rasgar, dobrar, cortar, furar, enrolar, amassar, além de outras que sejam possíveis de se fazer com papéis de cores e tamanhos diferentes.

Os percursos, os trabalhos e as pesquisas realizadas podem ser organizados a partir das características das ações, revelando a “materialidade” do que foi estudado.

Valorizando a processualidade

O portfólio será o ponto de partida para você conversar com seus alunos sobre o que foi estudado, mapeando o que foi mais significativo para eles; o que percebem que estudaram; o que gostariam de continuar estudando; o que poderia ser diferente num novo projeto. Você, como professor-propositor, pode também retomar seu diário de bordo para perceber quais foram as facilidades e dificuldades encontradas; quais as novas descobertas no seu fazer pedagógico; como também, quais os possíveis desdobramentos deste projeto.

Glossário

Arte pública – termo que se refere a obras que estão expostas em espaços públicos abertos ou fechados, que buscam integrar o público à obra de arte. “A idéia geral é de que se trata de arte fisicamente acessível, que modifica a paisagem circundante, de modo permanente ou temporário. O termo entra para o vocabulário da crítica de arte nos anos de 1970, acompanhando de perto as políticas de financiamento criadas para a arte em espaços públicos”. Fonte: Enciclopédia Itaú Cultural de Artes Visuais <www.itaucultural.org.br>.

Devaneio – atitude sonhadora, não do sonhador “noturno”, mas do sonhador “diurno”, conduzindo-o à alegria em repouso, levando-o a poetizar-se, a relegar o papel da inteligência à sombra e abrir-se à errância da função do irreal e da imaginação criadora. A partir da poética de Bachelard, o devaneio designa o “sonho acordado”. Fonte: JAPIASSÚ, Hilton. *Dicionário básico de filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

Diálogo com a matéria – o artista estabelece um relacionamento íntimo e tenso com a matéria, manipulando e transformando-a. Nessa ação, há uma troca recíproca de influência, artista e matéria vão se conhecendo, se

reinventando, conseqüentemente, artista e matéria são ampliados pela ação criadora. Fonte: SALLES, Cecília Almeida. *Gesto inacabado*: processo de criação artística. São Paulo: Fapesp: Annablume, 1998, p. 128.

Escultura – é um meio de expressão que cria formas plásticas em volumes ou relevos, tanto pela modelagem de substâncias maleáveis e/ou moldáveis, como pelo desbaste de sólidos ou pela reunião de materiais e/ou objetos diversos. Fonte: *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. “Peculiarmente situado na junção entre repouso e movimento, entre o tempo capturado e a passagem do tempo. É dessa tensão, que define a condição mesmo da escultura, que provém seu enorme poder expressivo”. Fonte: KRAUSS, Rosalind. *Caminhos da escultura moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 6.

Granito – uma rocha ígnea de grão grosseiro, composta essencialmente por quartzo e feldspatos alcalinos, tendo como minerais acessórios freqüentes biotite, moscovite ou anfíbolos. A cor negra variavelmente impregnada na matriz das rochas silicatadas é conferida pelos minerais máficos (silicatos ferro-magnesianos), sobretudo anfíbolos (hornblenda) e micas (biotite), chamados vulgarmente de “carvão”. Fonte: <pt.wikipedia.org/wiki/Granito>.

Mármore – é uma rocha metamórfica originada de calcário exposto a altas temperaturas e pressão. Por esse motivo, as maiores jazidas de mármore são encontradas em regiões de rocha matriz calcária e atividade vulcânica. No Brasil, as maiores concentrações de mármore estão no estado do Espírito Santo, sendo este também o maior produtor de rochas ornamentais do país. Fonte: <pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%A1rmore>.

Materialidade – “O conceito de materialidade não se opõe ao de matéria; vai além. A matéria é a preocupação mecânica com o suporte material, ao passo que a materialidade abrange o potencial expressivo e a carga informacional destes suportes, englobando também a extramaterialidade dos meios de informação”. Fonte: LAURENTIZ, Paulo. *A holarquia do pensamento artístico*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1991, p. 102.

Pedra litográfica – “Com suas reservas esgotadas, a pedra litográfica é um material calcário proveniente da região da Bavária, Alemanha. A principal característica dessa pedra, que hoje só é encontrada em ateliês de artistas, é a sensibilidade à gordura, essencial para o processo de gravação da imagem. O desenho é feito com materiais formados por partículas gordurosas, como lápis ou crayon litográfico, ou tusche, sobre a pedra que possui uma granulação que possibilita a aderência do material gorduroso. A pedra passa por um processo de gravação química, que deixa a gordura penetrar, criando uma ‘mancha química’ e tornando as áreas sem imagem insensíveis à recepção de gordura. Para reaproveitar a pedra litográfica, basta polir a sua superfície”. Fonte: <www.ufmg.br/boletim/bol1428/sexta.shtml>.

Talho direto – “O processo de esculpir pelo talhe direto consiste em retirar lentamente o material da pedra. As técnicas usadas podem ser o estilhaço, quando a pedra for de tamanho superior à forma desejada pelo artista; desbaste retirando camadas com a utilização do ponteiro, uma ferramenta que permite retiradas de matérias que vão desenvolvendo o processo de esculpir; e o uso do cinzel ou gradim, ferramentas usadas para definir as formas e texturas da obra e que permitem modelagens mais minuciosas de tamanho superior à forma desejada”. Fonte: SANTAMERA, Camí. *A escultura em pedra*. Lisboa: Estampa, 2001.

Bibliografia

BACHELARD, Gaston. *A terra e os devaneios da vontade: ensaio sobre a imaginação das forças*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

FONTANEL, Beatrice; D'HARCOURT, Claire. *O trabalho dos escultores: argila, mármore, bronze ou plástico: a conquista dos materiais*. Trad. Célia Regina de Lima. São Paulo: Melhoramentos, 1995. (As origens do saber).

KRAUSS, Rosalind. *Caminhos da escultura moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

OSTROWER, Fayga. *Criatividade e processos de criação*. Rio de Janeiro: Vozes, 1977.

SALLES, Cecília Almeida. *Gesto inacabado: processo de criação artística*. São Paulo: Fapesp: Annablume, 1998.

SANTAMERA, Camí. *A escultura em pedra*. Lisboa: Estampa, 2001.

TUCKER, William. *A linguagem da escultura*. São Paulo: Cosac & Naify, 1999.

Seleção de endereços sobre arte na rede internet

Os sites abaixo foram acessados em 09 de jun. 2006.

ARQUEOLOGIA BRASILEIRA. Disponível em: <www.itaucultural.org.br/arqueologia/pt/home.htm>.

_____. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/foto_galeria/ciencia/artefato/default.asp?8>.

AZEVEDO, Néle. Disponível em: <www.sescsp.org.br/sesc//revistas/subindex.cfm?paramend=1&IDCategoria=3586>.

CAMARGO, Pita. Disponível em: <www.artepplural.com.br/index2.htm>.

MICHELANGELO. Disponível em: <www.tg3.com.br/michelangelo>.

MOAIS. Disponível em: <br.geocities.com/enigmasdahumanidade/os.htm>.

MUSEU DA ESCULTURA. Disponível em: <www.mube.art.br>.

RODIN. Disponível em: <www.musee-rodin.fr>.

STONEHENGE. Disponível em: <www.discoverybrasil.com/guia_maquinas/maquinas_estructuras_intro/maquina_estructuras_stonehenge/index.shtml>.

VÊNUS DE MILO. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/V%C3%A9nus_de_Milo>.

Notas

¹ A *Mostra itinerante de esculturas de grande porte* (2005) foi realizada na Sociedade Cultura Artística (Scar) em Jaraguá do Sul/SC, no Museu de Arte de Joinville/SC e na Univali Itajaí/SC.

² Pita Camargo em entrevista ao jornal: *A Notícia*, Joinville, 07 out. 1998. Disponível em: <www.an.com.br/1998/out/07/0ane.htm>.

³ Gaston BACHELARD, *A terra e os devaneios da vontade*: ensaio sobre a imaginação das forças, p. 18.

⁴ Camí SANTAMERA, *A escultura em pedra*, p. 6.

⁵ *Ibid.*, p. 42.

⁶ Pita Camargo em entrevista ao jornal: *A Notícia*, Joinville, 07 out. 1998. Disponível em: <www.an.com.br/1998/out/07/0ane.htm>.

⁷ Fayga OSTROWER, *Criatividade e processos de criação*, p. 32.

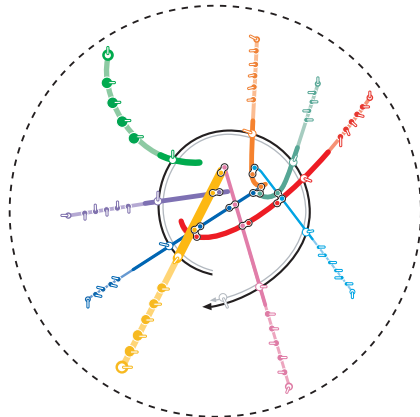
⁸ Texto disponível em: <www.revista.criterio.nom.br/pongeamir01.htm>.

⁹ *Agonia e êxtase*, 1965. Filme baseado no romance de Irving Stone. Conta os conflitos entre o artista renascentista Michelangelo e o seu protetor, o Papa Júlio II. 140 min.

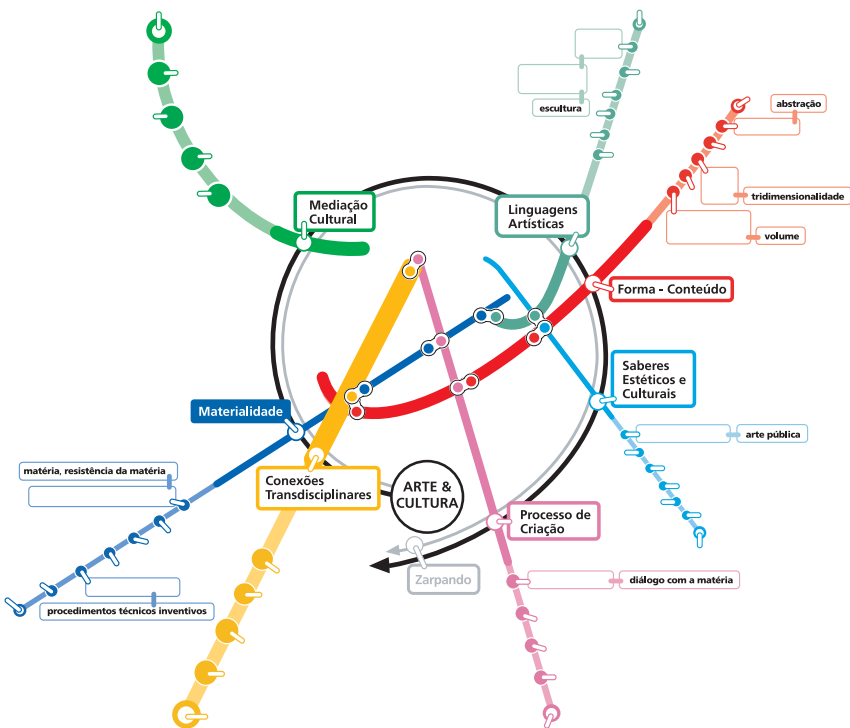
¹⁰ *Camille Claudel*, 1988. Filme com direção de Bruno Nuytten, com Isabelle Adjani e Gérard Depardieu.

¹¹ Consulte na DVDteca Arte na Escola, documentários sobre esses artistas.

¹² Citado por Cecília Almeida SALLES, *Gesto inacabado*: processo de criação artística, p. 30.



Mapa potencial
PITA CAMARGO:
ESCUCTOR



Patrocínio



FUNDAÇÃO
IOCHPE

Organização



www.artenaescola.org.br